

# Superávit deve ficar em US\$ 9,8 bi, bem abaixo das previsões do Governo

**BRASÍLIA** — O superávit da balança comercial este ano ficará entre US\$ 9,5 bilhões (Cz\$ 134,68 bilhões) e US\$ 10 bilhões (Cz\$ 141,77 bilhões), segundo estimativa de técnicos do Ministério da Fazenda. O número mais provável, segundo as mesmas fontes, será de US\$ 9,8 bilhões (Cz\$ 138,93 bilhões).

Essa nova estimativa para o superávit comercial é bem inferior à previsão inicial do Governo, que esperava fechar o ano com um superávit de US\$ 12,5 bilhões (Cz\$ 177,21 bilhões). Esse menor saldo da balança de comércio implicará em uma maior queima de reservas internacionais para o fechamento do balanço de pagamentos.

A nova previsão significa também que o Governo não espera mais uma recuperação expressiva, até o fim do ano, da conta de comércio, após os resultados desalentadores obtidos em setembro e outubro. Existe até mesmo a expectativa de que este mês feche com um ligeiro déficit podendo, na melhor das hipóteses, fechar em equilíbrio (valor igual para as exportações e as importações).

Como o superávit acumulado de janeiro a outubro deste ano está em US\$ 9,27 bilhões (Cz\$ 131,42 bilhões), a nova previsão implica em um superávit de apenas US\$ 800 milhões

(Cz\$ 11,34 bilhões) até o fim de dezembro, na melhor das hipóteses. Como novembro deverá fechar em equilíbrio ou com um ligeiro superávit, a expectativa do Governo é de uma recuperação substancial da balança comercial de dezembro.

Nos últimos dias, a Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil (Cacex) vem registrando uma melhora substancial no comportamento das exportações. A iniciativa do Banco Central em desvalorizar diariamente o cruzado desde sexta-feira vem sendo apontada como um dos principais estímulos a essa nova arrancada das vendas externas.

"O Governo não pode deixar as reservas cambiais do País chegarem a zero. É melhor suspender temporariamente parte do pagamento dos serviços da dívida externa, que já alcança cinco por cento do Produto Interno Bruto (PIB) para manter o crescimento interno da economia". A opinião é do Chefe do Departamento de Política Monetária da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Paulo Nogueira Batista Júnior, que considera "inconcebível repetir o erro de 1982 de negociarmos o pagamento da dívida brasileira quando não havia mais saldo comercial positivo, deixando o Governo sem poder de barganha".